

-34-

UFPb / BIBLIOTECA / PRAI

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PARAÍBA
Setor de Doc. e História Regional
CAMPINA GRANDE - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA

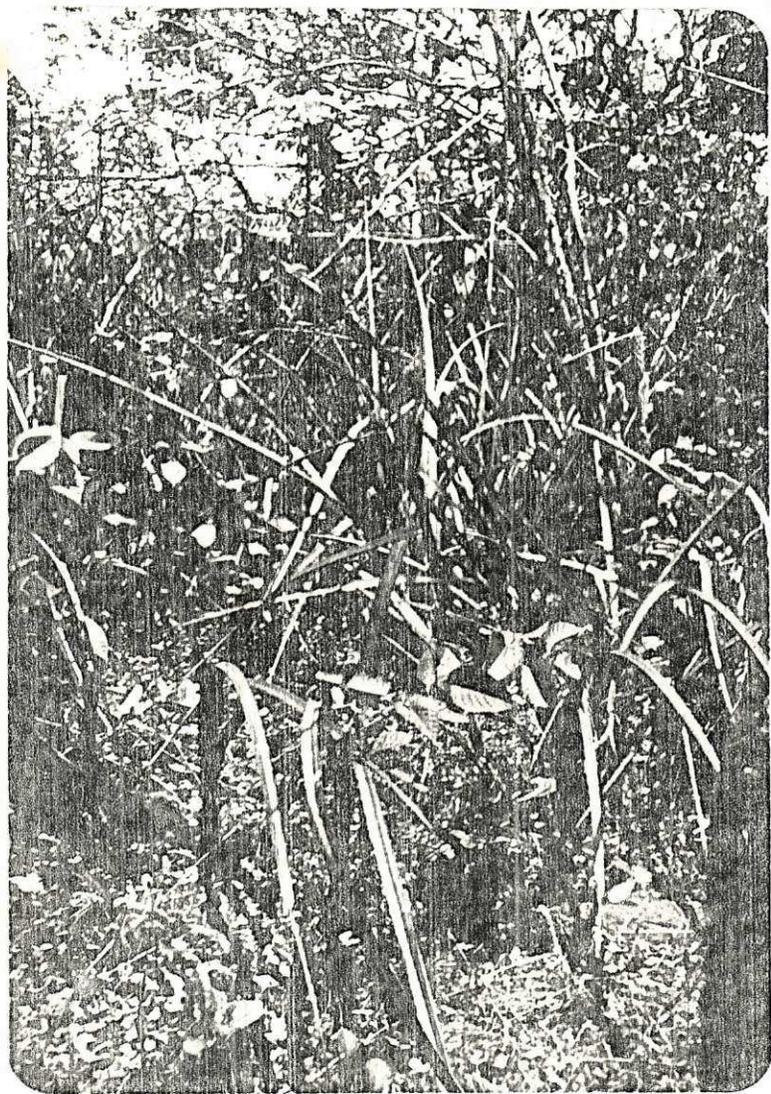
PRODUÇÃO DO CAROÁ EM CABACEIRAS (1938-1946)

JOSEFA JOSÉLIA MENÊSES DE SOUSA RAMOS

CAMPINA GRANDE - PB

- 1985 -

39



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II

Monografia apresentada à Banca Examinadora, composta pelos professores Marly Gomes Vianna (Orientadora), Eliete Queiroz Gurjão (Coordenadora), Sebastian Sanches e Maria Socorro Xavier (Membros), indicados pela Comissão Coordenadora de Trabalhos Monográficos do Curso de História.

CAMPINA GRANDE - PB

- 1985 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

SUMÁRIO

	PÁG.
AGRADECIMENTOS	
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
<i>O MUNICÍPIO DE CABACEIRAS</i>	4
1 - HISTÓRICO.....	4
1.1 - Situação Física e Geográfica do Município.....	6
1.2 - A Posse da Terra.....	8
1.3 - Grandes e Pequenas Propriedades.....	10
CAPÍTULO II	
<i>O CAROÁ</i>	14
2 - DEFINIÇÕES.....	15
2.1 - Considerações Gerais.....	16
2.2 - A Conjuntura Internacional.....	19
2.3 - Modalidades de Extração do Caroá.....	23
2.4 - Técnicas de Produção e Comércio.....	26
CAPÍTULO III	
3 - A SOCIEDADE.....	29
CONCLUSÃO.....	32
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	34
A N E X O S	

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Félix (*in memoriam*) e Clementina de Sousa, pela valiosa contribuição nos primeiros anos de estudo.

Ao meu esposo, Jonalfre Ramos, pelo empenho e abnegação a mim tributados.

Aos meus filhos, pela compreensão que me dispensaram sempre que necessitava ausentar-me para a elaboração deste trabalho.

À Orientadora, Marly Gomes Vianna, pelo incentivo, respeito, compreensão e eficiência a mim dedicados durante o semestre letivo.

À Coordenadora, Eliete Queiroz Gurjão, pelo bom senso que me orientou durante a busca incessante da concretização do meu ideal.

Aos professores do Curso de História, responsáveis pelo êxito alcançado.

Aos Drs. Edeltrudes Farias e José Ozenaldo de Castro, pela gama de material histórico fornecido junto ao Cartório de Cabaças - Pb e Agência do I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de Campina Grande - Pb, respectivamente.

PRODUÇÃO DO CAROÃ EM CABACEIRAS (1938-1946)

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo principal atender ao encerramento do Curso de História, tornando a pesquisa o início de nossa prática efetiva de formandos em História. Procuramos com este trabalho focalizar um problema ainda pouco estudado. Foi um trabalho gratificante, pois tivemos oportunidade através das pesquisas de conhecer melhor o tema estudado. Não resta dúvida de que o trabalho sofre uma série de falhas, em decorrência da escassez de bibliografia e de tempo. Em busca de fontes primárias trabalhamos em Cabaceiras - Pb, no Cartório com jornais e revistas da época, com documentos da Prefeitura Municipal, na Biblioteca Municipal e, entrevistando pessoas que viveram a época estudada.

Escolhemos o assunto da exploração e beneficiamento do caroã. Para iniciarmos nosso trabalho, tivemos a preocupação de arrolar as fontes documentais bibliográficas sobre a cidade de Cabaceiras, com a finalidade de aprofundarmos o conhecimento daquele município paraibano. A escolha do espaço - Cabaceiras - é justificada pelos seguintes motivos: sendo Cabaceiras a nossa cidade de nascimento, tivemos o desejo de conhecer detalhadamente a sua história, e, para isto, não encontramos muitas dificuldades, já que as autoridades e pessoas simples daquele município se dispuseram ter acesso às fontes lá existentes.

Outro motivo que nos levou a estudar Cabaceiras foi ser este município importante produtor de caroã, sendo aquela cidade

a primeira a introduzir a indústria de beneficiamento da fibra e a possuir grande área dedicada à cultura do caroã. Resolvemos en tão tentar descobrir qual foi importância econômica da planta pa ra aquela região, no período 1938-1946.

O modo pelo qual procedemos para desenvolvermos a pesquisa foi, em primeiro lugar, fazer um apanhado geral, observando como se deu a sua povoação e a posse da terra, para depois estudarmos o problema da implantação da indústria do caroã.

Sabemos que este trabalho não chegou a se completar, mas para nós foi muito importante, pois conseguimos realmente levan tar uma série de questionamentos que poderão, quem sabe, ser de interesse para pesquisadores futuros. Queremos acrescentar que é nosso desejo estudar com maior profundidade esse assunto, pois o achamos de grande relevância.

Pelo que percebemos de início, o caroã foi estudado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, sendo comprovado pela maioria na opinião de que seria de grande utilidade, inclusive pa ra exportação. Sua influência no mercado interno e externo, porém, não foi de grande duração. Passado o período da Segunda Guerra Mun dial houve queda na produção e na procura. De uma certa forma, o que podemos dizer é que a produção do caroã na Paraíba teve peso, pois não era apenas o município de Cabaceiras que trabalhava com a fibra. Outros municípios também se dedicavam ao beneficiamento do caroã como Soledade, Monteiro, São João do Cariri, Princesa Isa bel, entre outros.

Estamos seguros de que algumas questões merecem ainda maior aprofundamento:

- a) Qual teria sido os motivos da queda da produção do caroã de pois da Segunda Guerra Mundial?

- b) Sabendo-se que o caroã poderia substituir o cânhamo e a juta e ser empregado em várias outras utilidades, países como a China, por exemplo, não ficariam satisfeitos com a concorrência do Brasil, uma vez que recebíamos grande produção de fibras daqueles países?
- c) Sendo Cabaceiras grande produtor dessa fibra, por que não conseguiu maior desenvolvimento no auge das exportações?

CAPÍTULO I

O MUNICÍPIO DE CABACEIRAS

1 - HISTÓRICO

"Cabaceiras foi termo de Campina Grande, sendo sua categoria de vila confirmada por Lei Provincial nº 11, de 4 de junho de 1885. Antes porém pela Resolução de 24 de julho de 1834, foi elevada a vila sob a denominação de Vila Federal. Foi sede da Comarca e perdeu esta categoria e assim permaneceu até que lhe foi restituída pelo Decreto-Lei nº 1.164 de 15 de novembro de 1938, outorgando-lhe os foros de cidade"¹

No ano de 1938 Cabaceiras foi marcada por vários acontecimentos, o que veio a modificar enormemente a sua velha estrutura de vida. O município, mesmo como produtor de pequeno porte, chegou a ter peso na economia da Paraíba.

A sua contribuição nesse sentido foi verificada justamente pela produção de algodão que, apesar de não se apresentar em quantidades relativamente grandes, enviava para o mercado em quantidade razoável. Enfatizamos este assunto porque sabemos que a produção que mais se desenvolveu nessa época foi o algodão. Em todas as fontes pesquisadas vimos a existência de lavouras, máquinas e pequenas indústrias que serviam para o beneficiamento deste produto.

¹ MEDEIROS DE, Coriolano - Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, 2a. edição, Rio de Janeiro, 1950, p. 45.

Em 1938, a cidade passou por uma fase de transformações. As autoridades locais e estaduais se empenhavam em dar uma melhor assistência financeira ao município, procurando evidentemente criar uma série de coisas novas que viessem atender às suas necessidades.

O comércio, de 1938 a 1940, não era muito movimentado e a indústria pastoril contava apenas com umas quinze fazendas de criação, além de outras tantas de menores possibilidades. As condições das estradas eram precárias. Como Cabaceiras não era uma cidade central, não havia por parte dos poderes públicos nenhum interesse com relação a melhoramentos. As estradas carroçáveis eram esburacadas e sem conservação. Em épocas de inverno era difícil ter acesso àquela cidade devido aos estragos que as chuvas causavam.

Por conseguinte, o progresso chega lentamente em certas localidades do município. Por outro lado, as autoridades dão maior atenção as deficiências existentes. Isto porque além do impulso agro-pastoril, indústrias que servem para o preparo de fibras começam a se desenvolver. Diante desses fatores, principalmente as estradas, passavam a ser melhoradas, já que Cabaceiras começava a exportar para Campina Grande fibras, algodão, couros e peles de caprinos.

"Cabaceiras importa tecidos, louças, ferragens, artigos de estivas, etc...".

isto vem primeiro e depois o histórico

1.1 - Situação Física e Geográfica do Município

"Cabaceiras é limitada pelos municípios de Umbuzeiro, São João do Cariri, Boqueirão, Barra de São Miguel, Campina Grande e, pelo ^{município "Xe4"} Estado de Pernambuco). Seu solo é montanhoso, contendo alguns terrenos acidentados, formando séries de escarpas e terrenos planos. Sua extensão quilométrica é de 75.000 m, na posição Norte-Sul, e na posição Leste-Oeste 45.000 m. Sua distância em linha re^{ta} com relação à Capital do Estado é de 198 Km. Fica situado numa latitude Sul 729", 20,30 e de longitude Leste, Rio de Janeiro 656", 860, e Oeste de Grenwitch 36", 14", 03" 40'. Cabaceiras tem uma superfície de 2.685 Km². A sede do município está situada a 72 m de altitude com 8.000 habitantes (30.000 incluindo-se a zona ru^{ral})².

Sai

A vegetação de Cabaceiras é típica dos sertões. Não há mata virgem e sim caatingas. As principais madeiras existentes para construção são: aroeira, baraúna, craibeira, pãu d'arco, angico, cedro, curamu e pereiro.

e a parte/montanha?

O terreno é formado de tabuleiros, que servem à criação de bovinos, e baixios, que propiciam um bom desenvolvimento à agricultura e nos anos de invernos regulares uma boa produção.

Cabaceiras é banhada por dois rios, que são considerados importantes para a região, o Taperoá e o Paraíba. Estes rios atravessam o município em toda sua extensão e encontram-se um do outro numa distância de 6 quilômetros. Existem também vários riachos e córregos que desembocam naqueles rios. O município conta com um número reduzido de açudes, sendo estes particulares, tendo

² Cf. MEDEIROS DE, Coriolano - Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, 2a. edição, Rio de Janeiro, 1950, p. 47.

estes capacidade de manter suas águas durante o período de dois anos de seca, aproximadamente.

Sai (Cabaceiras é considerada a cidade mais seca do Brasil. No entanto, Coriolano de Medeiros diz que este fato se verifica, mas que é considerada a mais seca da Paraíba.

Contudo, este fator não implica tanto na temperatura, porque mesmo nas épocas de estiagens não ultrapassa de 34°C à sombra. O clima também é beneficiado pelos ventos elísios que tornam as noites agradáveis. Não se registram mudanças bruscas na temperatura, possuindo este município as melhores condições de salubridade.

Cabaceiras pode ser considerada como um dos municípios históricos da Paraíba, pela primazia de nele ter sido fundado o núcleo que orientou a conquista e o povoamento dos sertões paraibanos. Constituir-se-ia num ponto de turismo, já que na região há locais interessantes como a "Serra do Corredor", "onde encontra-se uma caverna que serviu de necrópole a uma raça talvez alterior a dos índios Cariris. Nas cavernas encontram-se também restos fósseis de animais gigantescos e muitas inscrições pitorescas répteis"³. Existem ainda vários cruzeiros, elevados em pedras altas e muitas outras pedras interessantes de serem apreciadas, e, o rio Taperoá, em suas enchentes, oferece um panorama bonito, devido as imensas cachoeiras.

Sai (A falta de visitantes à cidade se dá justamente pela carência de conforto que as estradas não oferecem, como também a estadia que deixa muito a desejar.

³ Cf. op. cit., p. 45.

com os índios Cariris; a participação do africano também se fez presente, só que em pequenas proporções.

1.2 - A Posse da Terra

"Entre os anos de 1665-1670 foram concedidas duas sesmarias a Antônio de Oliveira Lêdo, Francisco de Oliveira Lêdo, Francisco Constantino de Oliveira Lêdo, Bárbara de Oliveira, Luiz Albanaz, Sebastião Barbosa de Almeida e Maria Serrano de Almeida"⁴.

Antônio de Oliveira Lêdo (bandeirante), natural da Bahia, parte das margens do São Francisco acompanhado de seus três filhos e rebanhos, com a finalidade de tomar posse das terras em seus nomes. A partir desse momento, deram início à expansão de seus currais. Nessa região foram descobertos e, conseqüentemente dizimados, os índios Cariris.

O primeiro padre a visitar a povoação foi o padre Martin de Nantes, da Ordem dos Capuchinhos. Em sua viagem de Recife a Cabaceiras, descreve as diferenças existentes entre as regiões secas do Nordeste e as regiões da Europa. A impressão desse religioso sobre as regiões era justamente em termos de paisagens, como também de cultura.

No começo do século XVIII foram fundados quatro núcleos de povoamento nos vales dos rios Paraíba e Taperoã, recebendo os nomes de Boqueirão, Sítio Cruz, Porteira e Cabaceiras.

Cabaceiras foi inicialmente povoada pelas famílias Oliveira Lêdo, mas em 1730 Pascásio de Oliveira Lêdo vendeu a sua

⁴ TARQUINO, T. - Revista Oito Dias nos Estados. Colaboração Especial do SIPS, p. 45.

propriedade ao tenente Domingos de Farias Castro e ao capitão Antônio Ferreira Guimarães. Quatro anos depois, estes senhores consideravam-se os donos do sítio "de criar gado de Cabaceiras". Por serem religiosos, combinaram construir uma capela fazendo o seguinte acordo: os dois proprietários sairiam a pé de suas respectivas fazendas no mesmo horário, e no lugar de encontro seria edificada a referida capela, que recebeu o nome de Nossa Senhora da Conceição, hoje matriz e centro do município. A freguesia foi instalada em 1833, tendo como seu primeiro vigário o padre Plácido da Silva Santos.

Na mesma época em que o arraial foi criado tornou-se distrito do município de Campina Grande. A povoação foi elevada a categoria de "vila em 1834, com a designação de Vila Federal de Cabaceiras", quando se desmembrou de Campina Grande para se constituir município autônomo. Nessa época governava a Paraíba o Dr. Manoel Mário Carneiro da Cunha, vice-presidente em exercício. A sede municipal foi transferida para a povoação de Bodocongó.

Cabaceiras foi várias vezes assaltada pelo movimento "Quebra-Quilos", em 1874. Caso este fato não tivesse acontecido, Cabaceiras teria hoje o maior arquivo da Colonização do Estado da Paraíba.

"Em 1824 sob o título "Patriotas", reuniram-se os seus habitantes válidos comandados por Inácio de Barros, falecido em consequência dos ferimentos recebidos em combate, e opuseram resistência aos republicanos apelidados "Carambolas". Os Patriotas recuaram até Boqueirão, onde foram batidos à artilharia, continuando os republicanos sua marcha para o Ceará, sendo destroçados em batalhão. O primeiro encontro entre Carambolas e Patriotas verificou-se na localidade Serra Verde, município de Cabaceiras"⁵.

⁵ MEDEIROS DE, Coriolano - Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, 2a. edição, Rio de Janeiro, 1950, p. 45.

esse texto não tem nada a ver com o anterior

1.3 - Grandes e Pequenas Propriedades

Em pesquisas efetuadas no Cartório Único de Cabaceiras, apesar de trabalharmos com pequena amostragem, pudemos constatar que ~~havia~~ pequenas e grandes propriedades. Não foi possível detectar as dimensões de cada uma, já que nessa época não era comum a medição de propriedades. No entanto, baseados no valor da terra e na relação dos bens, podemos inferir que a riqueza está baseada na extensão da propriedade, portanto as grandes propriedades eram freqüentes, não excluindo a pequena e a média. *sai*

Nem sempre os donos das grandes propriedades eram ricos, pela falta de capital para explorar a agricultura e pecuária. ~~Alguns proprietários~~ eram considerados ricos apenas pela grande extensão de terras que possuíam.

sai É importante salientar a predominância da agricultura e da pecuária na região. Em primeiro lugar vamos abordar a problemática da agricultura. Podemos destacar várias culturas, como por exemplo, o feijão, o milho, batata doce, algodão, e a farinha de mandioca.

sai Caso não houvesse variação de chuvas no período invernoso, Cabaceiras teria condições de desenvolver sua produção, já que seria razoável a colheita nessa época do ano. Os produtores venderiam milho, feijão e farinha de mandioca, so que eram produzidas em pequenas proporções. Haveriam ainda muitos tipos de outros artigos que poderiam constituir numa boa parcela de contribuição para a economia do município, mas que não foram devidamente explorados, como por exemplo, os minerais de valor que lá existem, cujas jazidas não foram exploradas.

sai Há também vários tipos de fibras que não receberam a

at^{sa}enção devida tanto dos proprietários como das autoridades, com exceção do caroá.

A cultura de maior destaque entre as outras já citadas foi a do algodão. Em 1930 Cabaceiras possuía quatorze máquinas de descaroçar algodão, sendo que três eram movidas a vapor. Estas per^{sa}tenciam aos maiores proprietários, os tenentes-coronéis Aurélio Florêncio da Silva Limeira, José Montenegro e Manuel Barbosa Leal. As onze restantes eram movidas a tração animal, pertencentes a Olyntho José de Vasconcellos e outros.

Apesar das dificuldades oferecidas em relação a técnica aplicada, a produção de algodão era razoável. O preço era mais ou menos de 9 a 15\$000 por 15 quilos de algodão.

Essas descaroçadeiras funcionavam na cidade e também nas propriedades. ^{sa} Em cada estabelecimento havia uma renda mais ou me^{sa}nos variável. ^{Na} Naqueles estabelecimentos onde as máquinas eram a vapor é evidente que a renda fosse superior, chegando a atingir 5.000\$000, e, aquelas em que trabalhavam ^{com} sobre tração animal, pos^{sa}uíam uma renda inferior a 200\$000. Percebemos então a diferença entre ambas e, por este motivo, é que voltamos a dizer que real^{sa}mente não havia capital disponível para os produtores melhorarem as técnicas de produção, e, apesar de possuírem grandes propriedades, não tinham condição financeira para investir em melhoramentos.

Com relação ainda ao algodão, seu comércio era feito en^{sa}tre Recife, Limoeiro, Paudalho, em Pernambuco, e Campina Grande, na Paraíba. A produção deveria ter sido melhor comercializada, mas, as condições precárias em que se encontravam as estradas tor^{sa}navam difícil o escoamento da produção.

Quando? Quanto a produção do milho e do feijão esta foi reduzi^{sa}da, poucos quilos foram comercializados, os lucros adquiridos ser

viam para a compra de artigos de primeira necessidade ou complementares, como o querosene, o açúcar, o vestuário, etc... As pessoas tinham receio das estiagens e se preveniam colocando uma boa parte da produção em silos, a fim de garantirem seu sustento até a colheita seguinte. Este fato ainda permanece até os dias atuais, principalmente entre o pequeno agricultor ou mesmo aqueles que trabalham sobre forma de arrendamentos.

O trabalho na colheita da produção do algodão e na agricultura em geral, em sua maior parte era utilizada a mão-de-obra familiar. Isto explica a nosso ver a grande quantidade de filhos que possuíam a maioria daqueles proprietários, fato este comprovado nos inventários pesquisados. Aqueles que não tinham condições de colher sua produção usavam os sistemas de meiação e parceria.

Sai Nas propriedades em que a plantação era grande, oferecendo uma boa colheita, o proprietário, sem condições de colher, usavam os sistemas já citados. Havia de uma certa forma falta de mão-de-obra, por que a maioria das pessoas plantava o algodão e dedicava-se a sua própria propriedade, mesmo sendo um pequeno agricultor.

A pecuária teve um certo peso na economia de Cabaceiras. Foi desenvolvida por possuir o município terrenos apropriados para a criação das espécies cavalariça, muar, asinina, bovina, eqüina e caprina. Em sua maior parte era encontrada a criação de caprinos, que se sobressaíam justamente por se adaptar melhor ao clima, já que por várias vezes Cabaceiras foi assolada pelas secas, e as estiagens resultavam na falta de pastagens para os animais de grande porte. A criação de caprinos era favorecida também pelos serrotes. Eram neles que a criação procurava pastagens secas, e muitas vezes encontrava até água nas lajotas.

No que diz respeito aos lucros, acreditamos que muito pouco ficou em Cabaceiras, pois ficavam com os intermediários. A arrecadação obtida não era aplicada na cidade com fins de melhoramentos. Os pequenos proprietários sofriam as conseqüências por que muitas vezes, necessitando de dinheiro, chegavam a vender o algodão antes mesmo de ser colhido, e isto evidentemente trazia vantagens apenas para o comprador.

Portanto, achamos que o desenvolvimento de Cabaceiras não aconteceu justamente por que os lucros não ficavam retidos na cidade.

CAPÍTULO II

O CAROÁ

Lauro Pires Xavier comenta em seu livro *O Caroá*, encontrado em manuscritos do século XVII, assinados de próprio punho por Vidal de Negreiros, acerca de sesmarias paraibanas, que já na quele tempo se cuidava de uma espécie de reflorestamento, exigindo-se dos donos dos terrenos que os inquilinos cuidassem dos caroás, por serem plantas úteis à cordoaria dos navios e que plantassem anualmente ao menos 50 pés de coqueiros às suas custas.

Essas informações, diz o autor, foram prestadas a Luetzelburg pelo coronel Domingos dos Santos, um dos estudiosos da história da Paraíba. O autor ainda comenta das dificuldades que encontrou, dado a falta de fontes bibliográficas que tratassem do assunto, mas mesmo assim não desistiu do seu trabalho. Seguindo em suas pesquisas conseguiu detectar várias fontes como também teve a preocupação de ir ver *in loco* como se apresentava a plantação, tipo de terreno e extensão da cultura.

O autor ⁷ se refere a uma monografia feita pelo paraibano Manuel de Arruda Câmara - *Dissertação sobre as plantas do Brasil*, este trabalho foi publicado na Imprensa Régia de Ordem de Sua Alteza Real, no Rio de Janeiro, em 1810 .

⁷ XAVIER, Lauro Pires - O Caroá. Natal - RN, Rio de Janeiro, 1942, pp. 18-19.

Caroã - *Neoglazonia Variegata* Mez. (*Bromelia Variegata* Arr. Cam.; *Bilbergra* Seholt; *Agallostachys Variegata* Beer; *Bromelia Lineifera* Hort. ex. Berr, *Dyckia Glaziovii* Bak.), da família das *Bomeliáceas*⁶.

*Sem
participação*

Planta perene, acaule, de rizoma fibroso, até 1 m de altura. Folhas 3-5-7 invaginantes, estreitas, lineares, ovado-lanceoladas, acuminadas, com as margens convolutadas e ligeiramente espinhosas, de 1-2 m de comprimento por 2 cm de largura, cobertas por cutícula impermeável e cerosa. Quanto a coloração, as folhas se apresentam verdes, roxas, amarelas, brancas ou listadas, aliás em consonância com o específico *Variegata*. Flores 40-60 purpúreo-violáceas com pedicelos vermelhos, protegidas por bractea linear-lanceolado e dispostas em inflorescência simples, raceniosa, com escapo verde-avermelhado erecto glabro, coberto por uma camada de cera lanosa. Baga ovóide, um tanto angulosa, 3 locular de 2-3 cm de comprimento, castanho quando maduro, tendo 23-30 sementes em voltas por mucilagem rala e adocicada.

As folhas produzem fibras longas, sedosas, finas, resistentes, de grande utilidade, com variados usos, desde a corda ao tecido para roupa. O surto de industrialização da fibra do caroã, processado no decênio de 1930 e princípios de 1940, com profundo reflexo econômico nos trechos mais ingratos dos sertões pernambucanos e paraibanos, floresceu e quase desapareceu em face da concorrência de outros têxteis preferidos para o tecido

⁶ BRAGA, Renato - Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 3a. edição, Fortaleza, ESAM, 1976, 540 p. (ESAM Coleção Mossoroense, 42), pp. 167-168.

Planta xerófitas, as suas formações, sejam densas ou ralas, cobrem no mínimo 60.000 quilômetros quadrados das terras mais propícias do Nordeste, desde a Bahia ao Piauí (81, 181).

No Ceará, conforme Esmerino Parente (82, 9), as zonas de ocorrência do caroã (nas serras do Ibiapaba e do Araripe).

"Estão localizadas em terrenos pedregosos e de arriscos (areia branca e mais ou menos solta), solos paupérrimos de vegetação rala, baixa, engalhada, tortuosa, e numa altitude nunca inferior a 400 metros, o que demonstra que essa bromeliácea requer uma certa quantidade de umidade na atmosfera, um clima mais ameno do que o do sertão".

Não se deve confundir o caroã com outras plantas, principalmente Bromeliáceas, cujos nomes são meros variantes da forma Caraguatã, por sua vez *corrutela de carauã-ta*, o carauã, rijo, duro (10, 229).

Este com outros assuntos referentes a esta planta, se encontram documentadamente estudados na monografia *O Caroã*, de Lauro P. Xavier.

2.1 - Considerações Gerais

De acordo com as fontes informativas, podemos observar que realmente Manuel de Arruda Câmara tinha uma preocupação muito grande sobre as plantas do Brasil, e em especial com relação ao caroã. Em nossas leituras vimos que caroã é uma planta nativa, encontrada principalmente no Nordeste, em especial em Pernambuco e Paraíba.

Manuel de Arruda Câmara chamou a atenção das autoridades para que dessem maior valor a essa planta, já que ela teria grande utilidade para a economia do Brasil. O caroá, por ser uma planta nativa, não exige maiores cuidados do homem a sua sobrevivência, uma vez que se prolifera muito rapidamente a mercê da natureza. Dessa maneira, proporcionava ao homem vantagens em relação a outras culturas que exigiam ^{em} cuidados especiais tanto em fase de plantio quanto na sua manutenção e posterior exploração.

Com vistas a esses aspectos, é fácil compreender que o caroá, apesar de cultura nativa e de sua utilidade como matéria-prima na utilização em cordoaria, sacarias e tecidos tinha se tornado uma cultura de grande importância no contexto econômico do Estado e do País.

Para termos uma idéia de seu valor econômico, é bastante atentar para o fato de que potências internacionais do porte da Inglaterra, Estados Unidos e França, interessaram-se em coletar amostras dessa cultura e inspecioná-las em laboratórios de pesquisas para verificar se a qualidade da fibra obtida seria viável economicamente em termos de exploração e fabricação dos produtos já mencionados. Temos conhecimento que o caroá germinou em todo o território nordestino, porém nos detivemos no estudo do município de Cabaceiras, por não termos pretensão (por falta de tempo) de pesquisar em termos de Estado da Paraíba, já que ^{há} ~~o mesmo~~ ~~pos~~ ~~sui~~ várias cidades que se dedicaram ao beneficiamento do caroá, como por exemplo, São João do Cariri, Soledade, Monteiro, Serra Branca e Princesa Isabel.

A indústria de desfibrar o caroá foi implantada primeiramente em Cabaceiras, no ano de 1938, recebendo influência do Estado de Pernambuco, o qual foi considerado "modelo". Na Paraíba,

várias cidades foram beneficiadas com a implantação de pequenas indústrias, contando o Estado com cem máquinas no seu total.

Na Paraíba, o primeiro a implantar a indústria foi o Sr. Severino Lima de Araújo, homem simples, que apesar de possuir poucos recursos, era bastante curioso. Ele próprio foi o idealizador e construtor da pequena usina no município de Cabaceiras, composta de quatro máquinas e um batedor-estirador. Segundo informações de pessoas mais idosas da cidade que também foram trabalhadoras desta indústria, o Sr. Severino Lima levava de Campina Grande ferro-velho, que servia para a fabricação das máquinas.

Essa atividade tornou-se muito importante, uma vez que com eles eram abastecidos outros centros, como foi o caso de Pernambuco e outras cidades da Paraíba que recebiam as máquinas de sua própria fabricação.

Em entrevista dada a *União Agrícola* de 13/09/1939, o Sr. Severino Lima falou do grande rendimento industrial que o caroã oferecia, mostrou também que a indústria era simples e fácil, as folhas da planta eram adquiridas através de fornecedores. Essas pessoas tinham o trabalho remunerado e era certo o emprego, já que essa cultura não se esvaziava tão facilmente. Em suma, havia uma grande plantação de caroã para atender muito bem as pessoas que se dedicavam ao seu beneficiamento. Para termos uma idéia, a quantidade adquirida era de 60 a 100 arrobas, diariamente, de caroã bruto.

De 15 quilos de folhas se extrai 1 quilo de fibra. Conforme depoimentos do Sr. Severino, 24 pessoas trabalhavam para a indústria, e as despesas com o pessoal eram de \$500 por cada quilo de fibras produzidas.

Uma máquina tinha capacidade para produzir, em um dia de trabalho, 25 quilos de fibras, extraídos de 375 quilos de folhas. Vê-se que, a indústria, apesar de pequena, tinha capacidade de absorver quase 2.000 quilos de folhas e produzir 125 quilos de fibras diárias. ~~Bom, o que podemos afirmar é que o~~ caroá oferecia todas as condições favoráveis para a sua exploração, ~~só que no~~ *e no entanto* ~~nesso entender~~ deixaram-no de lado pelo agave. Este fato nos chamou a atenção pois, segundo informações não comprovadas, o agave teria sido introduzido no Brasil pelo europeu, e automaticamente tomou o lugar do caroá. Sua produção era muito mais dispendiosa, uma vez que seriam necessários cuidados especiais, o que não acontecia com a cultura do caroá.

2.2 - A Conjuntura Internacional

O momento histórico que estudamos nos apresenta um mundo em fase difícil. A crise gerada pela acumulação de capitais das grandes potências, as disputas dos países capitalistas que ambicionavam mais mercados, a corrida armamentista, os choques ideológicos e o imperialismo econômico foram as principais causas das 1a. e 2a. Guerra^{is} Mundial.

Esse período - 1938-1946 - foi de uma conjuntura de guerra mundial, e a desorganização do comércio deixou saldos negativos em todos os sentidos. No Brasil, e em particular na Paraíba, sentiram-se as conseqüências da guerra, pois nesta época a Paraíba estava em pleno desenvolvimento em relação as exportações do algodão. Diante da situação e sem condições de exportar, a Paraíba começa a estocar sua produção. Os preços caíram assustadoramente em decorrência da falta de mercado. Já na época da 1a. Guerra Mundial, exportava-se o caroá.

Sai "Em 1916, engarrafada a esquadra alemã, é feito o policiamento do mar pelas potências da ENTENTE, abrindo-se a situação para quem tinha o que vender"⁸.

Quando o comércio se restabeleceu, o algodão recebeu um novo impulso, trazendo conseqüentemente vantagens para a Paraíba. Essa época foi de seca e de guerra, mas nem por isto a produção do algodão perdeu seu preço, pois vários incentivos foram dados através das áreas governamentais. Além da produção do algodão havia outros produtos de relevância para a economia do país, como por exemplo cana-de-açúcar, café e, também, a fibra do caroá, que nesta época, segundo as estatísticas, já tinha várias toneladas exportadas para os Estados Unidos, França e Inglaterra. A produção do caroá foi de suma importância para o Nordeste (~~municípios de Pernambuco e Paraíba~~), já que foi nesta região que o caroá nasceu em abundância.

Para termos uma idéia da importância que o caroá tem na economia do Brasil, pode-se verificar a grande quantidade que o país exportou no período de 1914 a 1938⁹. (Tabela a seguir).

Título EXPORT NACIONAL DE CAROÁ

ANOS	EXPORTAÇÃO	PREÇO MÉDIO
1914-1918	1.264 Kg	\$426
	15.068 Kg	\$406
1924-1928	189.524 Kg	\$886
1929-1933	65.829 Kg	10\$15 ?
1934-1938	436.884 Kg	1\$190

Fonte: ?

Sai ⁸ Cf. MARIZ, Celso - Evolução Econômica da Paraíba. João Pessoa, "A União", 1939, p. 51.

⁹ XAVIER, Lauro Pires - O Caroá, op. cit., p. 162.

✓ Ressaltamos que s^o em 1938 foram remetidos para a Bahia aproximadamente 400.000 quilos, que o ~~esportou~~^x de 1934 a 1938 para os mercados estrangeiros. Esses dados estatísticos, divulgados, revelam a necessidade de se iniciar, quanto mais cedo melhor, a industrialização, na Bahia, dessa poderosa fibra vegetal, com enormes proveitos para a economia nacional". *de quem é essa coisa?*

A tabela que apresentamos acima mostra a produção que a Bahia recebia de outros Estados para fins de exportação. Realmente esses dados nos mostram que o caroã teve bastante aceitação no mercado internacional. No entanto, o que assistimos, infelizmente, foi a falta de atenção e incentivos por parte dos governantes, no sentido de melhorar ou aperfeiçoar a maquinária para se conseguir maiores êxitos nas exportações.

Como vimos, muitos países se interessavam pela produção, dado a sua utilização que por sinal poderia ser utilizada de várias formas possíveis.

Sar

"De todas as culturas, porém, aquela que mais me impressionou, sem dúvida, foi a do caroã, com larga faixa de terra que se acha já ocupada pela extensão de suas plantações. O Governo precisa de auxiliar mais essa realização extraordinária, que é quase surgida da iniciativa particular que é a industrialização dessa fibra. Distribuir máquinas com os agricultores, desfibradoras em quantidade, porque matéria-prima não falta. É uma fonte de renda inaleável para o nosso mercado de fibras"¹⁰.

¹⁰ XAVIER, Lauro Pires - O Caroã, op. cit., pp. 162-163.

Apesar de sabermos que o caroã servia como substituto do cânhamo e de outros produtos, ~~o mesmo no nosso entender não chegou a receber a atenção devida,~~ para isto verifica-se que o espaço que ele ocupou na economia do Brasil foi de fato muito pequeno. Ahamos que, ~~por algum motivo ele deixou de receber incentivos,~~ talvez, pelo fato de outros países possuírem produtos semelhantes, ~~razão pela qual~~ não consentiram que a nossa cultura se desenvolvesse, uma vez que sabemos da dependência do Brasil em relação aos países desenvolvidos.

Para os nordestinos especialmente, o desenvolvimento do caroã teria sido bastante útil, quando sabemos que a maior parte das pessoas vive da agricultura. Com a descontinuidade da ocupação na agricultura, devido a ocorrência do inverno, o trabalho no caroã iria proporcionar aos agricultores um meio de subsistência, evitando, conseqüentemente, o êxodo rural no período do verão. Que remos dizer que o caroã, sendo uma planta do Nordeste e que vive bem, tanto no inverno como no verão, seria oportuno que as autoridades colocassem em cada área onde houvesse o cultivo dessa fibra vegetal, máquinas de beneficiamento, no sentido de assegurar o pequeno agricultor em suas terras.

Com essas medidas é evidente que seriam oferecidos em pregos, absorvendo a mão-de-obra que estava sem opção de trabalho. É verdade que essas pessoas passariam a ser assalariadas, mas temporárias, pois na época de inverno teriam condições de retomar às suas terras e trabalharem seus plantios, ou seja, na agricultura de subsistência.

2.3 - Modalidades de Extração do Caroã

As folhas do caroã eram adquiridas em quantidade, em pequenas e grandes propriedades, não havendo nenhum obstáculo quanto à retirada das mesmas pelos proprietários, em virtude de que essa cultura para eles não apresentava nenhum rendimento. Pelo contrário, em razão da vasta proliferação abranger grande área das propriedades, fazia-se necessário a sua retirada a fim de se poder efetuar outras culturas.

Tanto que alguns proprietários chegavam a queimar áreas onde se encontrava o caroã. Mas, com o decorrer do tempo os proprietários foram tomando conhecimento que poderiam ter lucros com a venda daquela matéria-prima, ainda mais quando perceberam que o proprietário da indústria estava tendo bons lucros quando do desfibramento. A partir desse momento as coisas se inverteram, pois o caroã em folhas só sairia em troca de pagamento, isto é, o dono da indústria teria que comprá-lo, ~~fato este que antes não ocorria.~~

Diante disto, os proprietários passaram a controlar toda a retirada do caroã de suas fazendas, não permitindo a entrada de pessoas que tivessem interesse em cortar a ~~cultura~~. *planta*

Consoante informações recebidas através de autoridades da época, bem como de pessoas que haviam trabalhado na própria indústria, recebemos as seguintes informações:

- a) Que a colheita da folha do caroã era feita por mulheres que, a troco de baixíssima remuneração, dispunham-se a penetrar mata adentro para colher o material.
- b) Que a retirada das folhas se dava de forma bastante precária. Isto explica-se porque a planta possui mu

trabalho extremamente árduo para as mulheres.

- c) A maior parte das mulheres que se dedicava a este trabalho deslocava-se da cidade para as propriedades, levando muitas vezes mais ou menos uma hora de caminhada para alcançar o local da cultura.
- d) Para a retirada das folhas as mulheres utilizavam facões e facas-peixeiras bastante amoladas e, depois do corte, formavam os feixes que transportavam na cabeça. A quantia que recebiam por cada feixe era de 1 cruzado. É importante salientar que estas mulheres não tinham vínculo empregatício, nem com o dono da indústria e nem tampouco com o proprietário da terra, e podiam apanhar o caroã no horário que lhes conviesse.

Em relação a mão-de-obra empregada na indústria, esta era composta de ^{cerca de} mais ou menos uns 24 trabalhadores, ~~que trabalhavam sobre o sistema de produção,~~ recebendo 1 tostão por quilo. O trabalho tinha início a partir das 05:00 horas e se prolongava até às 23:00 horas. Só não se trabalhava numa pequena parte do domingo. Esses trabalhadores eram empregados apenas na indústria de Cabaças, ~~quer dizer,~~ não mantinham ^{outras} outras atividades. ~~Como dissemos,~~ todo o dia era ocupado pelos trabalhos no desfibramento do caroã. O pequeno rendimento que recebiam seria para o sustento da família. Muitos dos trabalhadores eram casados, e os solteiros sempre tinham obrigação de ajudar os pais, ~~já que tratava-se sempre de pessoas pobres.~~

Quanto as leis trabalhistas, essas não eram aplicadas. Conseqüentemente, não tinham nenhuma assistência por parte dos setores competentes (Ministério do Trabalho).

V Acrescentamos ainda que, no trabalho da indústria, não se verificava a participação das mulheres e nem das crianças. Este fato nos interessou muito, uma vez que haviam todas as condições de serem empregadas para o trabalho mais leve. Por isto, acreditamos que a não participação dos mesmos nesses trabalhos deveu-se ao seu aproveitamento na colheita do caroá.

É evidente que com a saída do marido para o trabalho, a mulher teria que continuar cumprindo as obrigações na lavoura ou no cuidado com o gado, já que anteriormente era feito por eles. Isto dificultou sua saída para a indústria.

Por outro lado, o dono da indústria, no nosso entender, não teria muito interesse de empregar mulheres e crianças, pelo fato de que a mulher poderia afetar a produtividade, devido a problemas de gestação, filhos menores, etc... Assim, seu rendimento não iria atender as expectativas do proprietário dos meios de produção.

Segu Dificilmente na indústria têxtil a mão-de-obra masculina no caso do caroá era tão barata quanto a feminina. O trabalho realizado pelos homens se dava da seguinte maneira: ~~a todos era~~ confiado uma tarefa, uns trabalhavam nas máquinas, outros lavavam as fibras, outros colocavam as fibras para secar e os outros, por sua vez, preparavam os fardos para serem transportados para Campina Grande.

2.4 - Técnicas de Produção e Comércio

As máquinas usadas eram pouco aperfeiçoadas. Mesmo assim, eram produzidos muitos quilos por dia. A fábrica era constituída de nove compartimentos. Em cada compartimento era colocada uma máquina, onde os trabalhos no desfibramento eram realizados por etapas. Constava de prensas batedor-estivadoras, tanques e diversos outros instrumentos que serviam ao manuseio da produção. Eram reservados outros compartimentos para estocar a produção ~~que estava pronta~~ para ser enviada para Campina Grande.

O beneficiamento do caroã em Cabaceiras foi considerado um dos melhores do mercado, porque, além da passagem da fibra pelo batedor, ainda passava por um processo de solução oleosa que melhorava consideravelmente ^{sua} a qualidade ~~da mesma~~, o que nos foi explicado por ex-trabalhadores da mencionada indústria.

Diante dos bons resultados que o caroã estava dando, a colheita passou a ser feita de outra maneira. Ao invés de ser carregado na cabeça das mulheres, passaram a transportar em lombos de animais (jumentos). Com isto, havia condições de conduzir uma maior quantidade de folhas. Outro fato importante era de que além de trazerem as folhas, também tinham que transportar a lenha (catingueira) para fazer o gasogênio, que servia para o aquecimento e conseqüente funcionamento das máquinas.

Quanto ao comércio, ~~este~~ era feito com Campina Grande, junto à firma *JOÃO ARAÚJO & CIA.*, que monopolizava toda a compra de caroã do Estado da Paraíba. ~~A firma JOÃO ARAÚJO & CIA.~~ ^C era, por sua vez, um intermediário da fábrica *YOLANDA*, pertencente aos Srs. Adobati e José de Vasconcelos e Silva, ambos do Estado de Pernambuco.

Sai ?
 Juntando as informações dadas pelo professor Lauro Pires Xavier e das pessoas que viveram essa época, podemos observar que realmente o caroá teria um grande peso para a economia do Estado; não conseguimos captar maiores detalhes devido ao descaso que foi dado a cultura.

✓
 Segundo Lauro Pires Xavier, os componentes da firma JOÃO ARAÚJO & CIA. estavam tão entusiasmados com os bons resultados, que chegaram a fazer *slogan* que diziam: "Fibra do caroá - nordestinos! Concorra para libertar o Brasil da importação de fibras estrangeiras. Colhi e beneficiei o caroá"¹¹.

Com relação aos lucros, é evidente que muito pouco permanecia na cidade. Todo o capital era desviado para Campina Grande, através de terceiros, que repassavam o capital daquele município, acarretando por sua vez prejuízos para a região. Portanto, as pessoas beneficiadas com os lucros se resumiam a um pequeno número da classe dominante de Campina Grande e Pernambuco.

Apesar de se tratar de uma indústria de pequeno porte, conseguiu suplantar as expectativas do proprietário. Ora, se o caroá era uma planta que crescia sem nenhum cuidado, é notório que os gastos com sua produção não eram grandes. Por isso, trabalhava-se com maior empenho a fim de dar conta dos vários pedidos feitos pelo Sr. João Araújo. ^{Em} No período de 1938 a firma pagava a razão de 2\$0 o quilo, comprava de 10.000 a 15.000 quilos de caroá por mês. Semanalmente eram abastecidos seis caminhões.

Com a grande produção da fibra, o mercado para o caroá tornou-se certo e o preço não caía. Dessa maneira, os lucros para os que se dedicavam ao desfibramento eram bastante satisfatórios.

¹¹ XAVIER, Lauro Pires - O Caroá, op. cit., p. 126.

Com referência às vias de circulação, cabe dizer que eram por demais precárias na região, ou seja, existiam apenas estradas carroçáveis, que muito mal permitiam o tráfego de veículos. Apesar desses inconvenientes, a produção sempre foi escoada, já que saíam por semana seis caminhões carregados; mas, a má condição das estradas era compensada pela sua curta distância entre Campina Grande e Cabaceiras. Posteriormente essas estradas foram melhoradas, quando da permanência do interventor estadual Argemiro de Figueirêdo. *que em*

"~~Por sinal foi nessa época de~~ 1940 ~~que ele~~ fez publicar o Decreto-Lei nº 72, concedendo isenção de impostos por um período de cinco anos, à EMPRESA DESFIBRADORA PARAIBANA LTDA., de Campina Grande, e outras empresas ou firmas de igual natureza, que se fundarem no Estado, para o beneficiamento do caroá e de outras fibras de grande procura nos mercados nacionais e estrangeiros"¹².

¹² XAVIER, Lauro Pires - O Caroá, op. cit., p. 184.

Sai
CAPÍTULO III

mas fode-se apuroes
tal
pg 31

3 - A SOCIEDADE

No que se refere ao social, Cabaceiras, no ano de 1938, não oferecia à sua população quase nenhuma atividade cultural. As associações que iam surgindo logo eram extintas. Isto pode ser justificado dado a falta de condições da pequena população. O padrão de vida era baixo. Haviam poucas pessoas que tinham uma certa condição.

Os dias de maiores movimentos na cidade eram justamente aqueles em que aconteciam as feiras. Várias pessoas se juntavam com o intuito de comprar produtos e vender aquilo que eles possuíam. Haviam também os dias da celebração.

Como a população era muito religiosa, não perdiam as missas, e a cidade acolhia muitas pessoas tanto da cidade como da zona rural. O que se destacava em Cabaceiras nesse período era o serviço postal, por possuir uma agência telefônica de 4a. classe. Sua agente era uma mulher, Rita Sodrônia Pereira Araújo. As malas dos Correios eram conduzidas em lombo de animais, duas vezes por semana, de João Pessoa e Campina Grande.

O serviço telegráfico era efetuado pela Agência Postal Telefônica, comunicava-se com a Estação Telegráfica do município de São João do Cariri numa extensão de 42 Km. Essa agência expedia telegramas de Cabaceiras para o restante do Estado.

No que se refere aos transportes, Cabaceiras não era bem servida, possuía apenas dois caminhões, os quais serviam para o transporte das pessoas que se deslocavam para Campina Grande,

a fim de fazerem compras de mercadorias de primeira necessidade, para abastecer a população. Insistimos na falta de assistência que as autoridades dispensavam as estradas de acesso a cidade, acarretando a dificuldade de tráfego e escoamento àquela comuna.

No que diz respeito a segurança pública, no município de Cabaceiras existia um destacamento da Polícia Militar, formado por 15 praças, chefiados por um 2º Sargento que pertencia a mesma corporação.

No que tange ao setor político, observamos que antes da instituição do Estado Novo existiam dois partidos políticos, sendo um da corrente governamental, o Partido Progressista da Paraíba, e o outro da corrente oposicionista, o Partido Libertador. Havia uma luta acirrada entre essas duas correntes, e a maioria da população seguia a corrente governamental.

Os homens que mais se destacavam na política local foram os Srs. João de Sousa Barbosa e João Leôncio de Castro.

Saúde Pública - em Cabaceiras não foi registrada nenhum surto de moléstias endêmicas, sendo muito raro os casos de tuberculose, lepra, malária e opilação. Os serviços de assistência hospitalar eram ineficientes, e em casos graves e urgentes o doente teria que ser transportado para Campina Grande, sendo atendido pelo tradicional Hospital Pedro I.

Na Educação, realmente o ensino era precário. Segundo o que constatamos, funcionavam nesse ano (1938) apenas quinze escolas estaduais e algumas outras mantidas pela Prefeitura Municipal. O curso apresentado era rudimentar, três dessas escolas funcionavam na sede do município enquanto as outras estavam distribuídas no distrito. As escolas da sede eram uma masculina, uma feminina e a outra mixta, e as escolas dos distritos eram todas mixtas. A

média de alunos matriculados era de 600, e a municipalidade contribuía com 10% das suas rendas para a Educação.

Apesar de todas essas deficiências, Cabaceiras tem filhos ilustres. Muitos enfrentando as dificuldades da época, concluíam o primário e seguiam para Campina Grande, a fim de continuarem seus estudos. Entre muitas figuras importantes destacamos Félix Araújo.

As condições dos trabalhadores eram por demais precárias. Nenhuma das vantagens que os grandes centros ofereciam ao trabalhador, por pequenas que fossem, foram oferecidas ao trabalhador cabaceirense. O salário era de 3\$000 diários, para fazer face a todas as despesas. Não havia exceção. Todos os trabalhadores eram assim remunerados, não tendo direito a nenhuma percentagem. A assistênica médica também estava excluída. Quer dizer, o trabalhador não recebia assistênica de espécie alguma.

No cômputo geral, podemos verificar que Cabaceiras padecia da falta de assistênica por parte das autoridades locais e estaduais. Por se tratar de uma região isolada, caiu no esquecimento.

Não resta dúvida de aquele município teria toda condição de se desenvolver, já que de uma forma ou de outra ele dispunha de recursos, que explorados trariam o seu desenvolvimento. Atualmente Cabaceiras passa por transformações e melhorias nas culturas como o alho e o tomate, sustentáculo da economia do município.

As autoridades atuais muito têm feito pela cidade, como introdução de bancos, telecomunicações, ensino de 1º e 2º grau, enfim, uma série de outros feitos que têm contribuído bastante para o seu desenvolvimento.

aprox.
1/2
Van
X

CONCLUSÃO

O trabalho que ora concluimos nos deu oportunidade de conhecer um pouco o município de Cabaceiras, tanto no que se refere ao aspecto histórico quanto ao político, econômico e social.

Procuramos nos deter principalmente na produção do *caroã* por se tratar de uma cultura valiosa e que, de uma certa forma, contribuiu de maneira ponderável para a economia do Estado. Pudemos comprovar que o *caroã* após o beneficiamento era transportado para outros centros consumidores, abastecendo, desta forma, tanto o mercado interno como o externo, sendo exportado, inclusive, para vários países da Europa.

Com vistas a estes aspectos mencionados, percebe-se que o município de Cabaceiras não foi contemplado como deveria ser, isto porque toda a sua produção era comercializada em Campina Grande, trazendo como consequência o carreamento de recursos para outras cidades.

Este fato, sem dúvida, entrouvrou o desenvolvimento da cidade, uma vez que os lucros destinavam-se apenas a uma minoria que não pertencia ao município. A situação neste período (1938-1946), auge da implantação da indústria do *caroã* na Paraíba, não chegou, pelo menos em Cabaceiras, a deixar saldo positivo. Por Cabaceiras possuir grande área com a matéria-prima, teria sido possível que um razoável desenvolvimento tivesse marcado esse período. No entanto, economicamente a cidade apresentou alguns melhoramentos: as estradas foram mais cuidadas por que isto era de interesse dos comerciantes, com o intuito de facilitar o escoamento da produção.

Acreditamos, portanto, que as autoridades federais, es
taduais e municipais não se preocuparam em desenvolver essa valio
sa fibra vegetal, não por falta de informações, uma vez que esta
cultura foi bastante divulgada através de jornais da época. Quere
mos ressaltar que essa falta de interesse tinha ocorrido por pres
ção internacional, já que a fibra do caroá concorrera com a juta
indiana, que chegava ao Brasil já industrializada.

Comçar pelas fontes primárias

34

BIBLIOGRAFIA GERAL

- 1 - ALMEIDA, Horácio de - História da Paraíba, I, 1966.
- 2 - BRAGA, Renato - Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 3a. ed., Fortaleza, ESAM, 1976, 540p. (ESAM, Coleção Mosso roense, 42).
- 3 - CARDOSO, S. Flamarion Ciro - Coleção Primeiros Vãos. Editora Brasiliense, São Paulo, 1981. *que obra?*
- 4 - CARR, Edward Hallet, 1892 - Que é História? Conferências George Macaulay Trevelyan, proferidas por H.E. CARR na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961. Trad. de Lúcia Maurício de Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2a. ed., 1978, p. 130.
- 5 - JOFFILY, Irineu - Notas Sobre a Paraíba. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, e do Instituto Arqueológico Pernambucano. Typografia do "Jornal do Comércio", Rodrigues & Cia., 1892.
- 6 - MEDEIROS DE, Coriolano - Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba. 2a. edição, Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950.
- 7 - MARIZ, Celso - Evolução Econômica da Paraíba. "A União Editora", João Pessoa - Pb, 1939.
- 8 - OTÁVIO, José - A Paraíba, das Origens à Urbanização. UFPb/FUNAPE, Editora Universitária, Edição "Casa de José Améri-

- 9 - TAVARES, Lyra de João - A Paraíba, 1909. Volume II, Imprensa Oficial, Paraíba, 1910.
- 10 - XAVIER, Lauro Pires - O Caroã. Natal - RN, EMPARN/Fundação Guimarães Duque, 19.82, 270p. (EMPARN - Documentos, 7, Coleção Mossoroense, 247).

FONTES PRIMÁRIAS MANUSCRITAS:

Inventário Post Mortem. Cartório Único de Ofício. Cabaceiras - Pb, Anos 1841-1940.

FONTES IMPRESSAS:

ARRUDA DA CÂMARA, Manuel - Obras Reunidas. Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife, 1982.

TARQUINO, T. - "Oito Dias nos Estados". Colaboração Especial do SIPS, Cabaceiras, Estado da Paraíba, 1940.

FONTES PRIMÁRIAS ORAIS:

ENTREVISTAS:

- Capitulino Ramos (ex-comerciante, 96 anos);
- Cícero Nóbrega (ex-Vereador, fazendeiro);
- Esmeraldino Henriques (ex-funcionário dos Correios e Telégrafos);
- José Merêncio Sobrinho (ex-empregado da indústria);
- Maria das Neves Nunes (ex-apanhadora de caroã);
- Maria de Rufino (idem);
- Rita Batista (idem);
- Jorge Gilson de Farias (Prefeito);
- Teresinha de Jesus Farias Aires (Vice-Prefeita).

Vas

ANEXO 1

O jornal "A UNIÃO", de João Pessoa - Paraíba, no Suplemento Agrícola, de 14/01/1940, publica a seguinte matéria a respeito de uma consulta que foi dirigida a Secção de Fomento Agrícola da Paraíba por um interessado na exploração do caroá.

Respostas aos quesitos abaixo, enviados a esta Secção pelo Sr. Arnaldo Von Sohsten, por intermédio do Almojarife Luiz Medeiros, sobre a exploração do caroá e da agave:

1º) QUAL OS PREÇOS DAS DESFIBRADORAS?

- Resposta: As desfibradoras são vendidas à razão de 900\$0 a 1:200\$0.

2º) QUAL A MARCA MAIS INDICADA?

- Resposta: Não há marcas registradas; o interessado, entretanto, poderá procurar, em Campina Grande, o representante do Sr. Severino Lima de Araújo, da cidade de Cabaceiras, o qual fabrica máquinas de desfibrar a 900\$0 e máquinas de beneficiar ("batedor") a 1:500\$0. Outras pessoas também vendem.

3º) QUAL O RENDIMENTO DE CADA DESFIBRADEIRA?

- Resposta: O rendimento é de cinqüenta quilos de fibra seca. Alguns fabricantes dão até setenta e cem quilos, porém mesmo trabalhando dois homens, é um rendimento otimista; cinqüenta quilos deve ser o usual.

4º) QUE QUANTIDADE DE CAROÁ BENEFICIA CADA MÁQUINA?

- Resposta: A produção horária é de 5 quilos de fibra seca, dando cinqüenta quilos em dez horas de trabalho; aceitando

o rendimento máximo, teríamos 8 quilos por hora, ou oitenta por dia.

5º) QUANTOS HOMENS NECESSITA PARA CADA MÁQUINA?

- Resposta: Trabalham dois homens em cada desfibradeira.

6º) QUAL A FORÇA MOTRIZ NECESSÁRIA A CADA MÁQUINA?

- Resposta: a força motriz para cada desfibradeira é de 2 a 2 1/2 HP.

7º) QUAL O TEMPO QUE PODE MEDEAR ENTRE A COLHEITA E O BENEFICIAMENTO DO CAROÁ?

- Resposta: A demora entre a colheita e o beneficiamento só depende da distância do caroazal à usina desfibradora, por quanto um operário pode colher de 600 a 1.000 quilos de folhas por dia e uma vez colhido o caroá, deve ser este beneficiado, dentro de dez dias ou menos, principalmente no inverno, sobre pena de oferecer fibra de inferior qualidade.

8º) QUAL O PREÇO MÉDIO DO CAROÁ (BRUTO) NO ESTADO?

- Resposta: O caroá é comprado na usina a \$030 o quilo (bruto); para desfibrar paga-se \$100 o quilo (molhado); \$030 por quilo ao lavrador e \$020 ao secador; preço do interior da Paraíba.

9º) DEPOIS DE BENEFICIADO PODERÁ O CAROÁ SER ENFARDADO EM PRENSA DE ALGODÃO?

- Resposta: Pode, desde que seja em prensa de baixa densidade.

10º) QUAL O PESO MÉDIO DE CADA FARDO?

- Resposta: Pesos dos fardos: 100, 120, 130, 140 e 150 quilos.

11º) A COMPRESSÃO NÃO ESTRAGA A FIBRA?

- Resposta: À baixa densidade não.

129) DEPOIS DA COLHEITA, O CAROÁ VAI PARA A MÁQUINA SEM NENHUM OUTRO PROCESSO?

- Resposta: Perfeitamente. Salvo quando é muito grande. Superior a dois metros, quando é preferível cortá-lo ao meio.

139) DEPOIS DE BENEFICIADO, O CAROÁ NÃO REQUER OUTRO TRATAMENTO ALÉM DO ENFARDAMENTO?

- Resposta: Logo depois de beneficiado vem a lavagem, seguindo-se o secamento. Há, presentemente, quem use uma máquina para beneficiamento, que melhora bastante a fibra antes do enfardamento.

149) GOZAM DE ALGUMA ISENÇÃO OS MAQUINISMOS PARA BENEFICIAMENTO?

- Resposta: O Governo do Estado concede "favores especiais" às empresas que se organizem para a exploração racional do caroá, é só requerer.

159) HÁ DIFERENÇA DE PREÇOS ENTRE O AGAVE E O CAROÁ?

- Resposta: Há sim. A fibra do caroá é vendida em Campina Grande à razão de 2\$0 a 2\$2 o quilo e, no Recife, de 2\$5 a 2\$8, enquanto a de agave é posta no porto de Santos ao preço de 2\$000 o quilo. Portanto, era cultura altamente compensatória.

Estas *questões* e respectivas *respostas* foram tiradas de:

- XAVIER, Lauro Pires - O Caroá. Natal - RN, EMPARN/Fundação Guimarães Duque, pp. 170-173.

ANEXO 2

ENTREVISTA*

1º) EM QUE ANO FOI IMPLANTADA A INDÚSTRIA DE CAROÁ EM CABACEIRAS?

- Resposta: Em 1938, foi instalada no mesmo prédio onde anteriormente funcionava uma descaroçadeira de algodão.

2º) QUEM CRIOU ESTA INDÚSTRIA?

- Resposta: Foi o Sr. Severino Lima de Araújo.

3º) DE ONDE ERA TIRADO O CAROÁ?

- Resposta: De várias propriedades do município, gratuitamente.

4º) E DEPOIS QUE O CAROÁ FOI CRIANDO IMPORTÂNCIA, O QUE ACONTECEU?

- Resposta: Depois os proprietários começaram a cobrar não das pessoas que retiravam, mas do dono da desfibradora.

5º) DE ONDE VINHAM AS MÁQUINAS PARA A OBTENÇÃO DA FIBRA?

- Resposta: Eram fabricadas na própria indústria, o proprietário saía de Cabaceiras para Campina Grande com a finalidade de comprar ferro-velho nas sucatas e fabricá-las.

6º) QUAL A SUA IMPRESSÃO QUANTO AO CAROÁ?

- Resposta: Ah! devia ter sido mais aproveitado; era muito bom, possuí roupas de caroá, e as pessoas chegavam a confundí-las com linho.

* Entrevistado: Cícero da Nóbrega (ex-Vereador, fazendeiro).

ANEXO 3

ENTREVISTA*

1º) QUAL O TIPO DE TRABALHO FEITO PELO SENHOR?

- Resposta: Era de ajudante na fabricação das máquinas; quando uma cidade fazia o pedido, eu era incubido de montá-las e ensinar ao pessoal como operá-las.

2º) COMO SE TRABALHAVA COM A CULTURA?

- Resposta: As pessoas que lá trabalhavam usavam luvas, com o fim de proteger-se dos espinhos.

3º) QUAIS AS TÉCNICAS USADAS NA INDÚSTRIA?

- Resposta: Desfibramento, lavagem, secagem e beneficiamento.

4º) QUAL A FINALIDADE DO TANQUE?

- Resposta: Servia para a lavagem da fibra e também para se colocar lenha, principalmente catingueira, para produzir o gasogênio, que era utilizado para o funcionamento das máquinas.

* Entrevistado: Sr. Severino Pombo (calibrador de máquinas).

ANEXO 4

ENTREVISTA*

1º) QUAL O MOTIVO QUE LEVOU VOCÊ TRABALHAR NUM SERVIÇO TÃO PESADO?

- Resposta: Por questões de necessidade. Cabaceiras não oferecia condição de emprego, por isto tive que cortar caroá, só assim recebia um pouco de dinheiro para ajudar em casa.

2º) VOCÊ ERA EMPREGADA DO SR. SEVERINO LIMA?

- Resposta: Não, trabalhava por conta própria; eu e outras mulheres saíamos cedo de casa, andando mais de 6 Km para chegarmos até o local do trabalho.

3º) QUANTO VOCÊS RECEBIAM POR ESTE TRABALHO?

- Resposta: Dependia dos quilos que cortávamos, geralmente era 1 cruzado a quantia que recebíamos.

4º) COMO ERA TRANSPORTADO O CAROÁ, JÁ QUE ERA TÃO ESPINHOSO?

- Resposta: Cortava-se as folhas, fazia-se os feixes, amarrava-se, a seguir colocava-se na cabeça e transportava-os.

* Entrevistada: Maria das Neves Nunes (apanhadora de caroá).